

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro Estudo 10 – A Influência da Liderança Juízes 3,9 e 10

Elaborada por Solange Livio
slivio@ibest.com.br

Dos treze juízes de Israel, cinco deles já tomaram parte em nossos estudos.

Nesta oportunidade, estamos nos ocupando com outros quatro, sendo que, em relação a eles, a ênfase recai sobre a influência da liderança que exerceram na vida do povo de Israel.

Otniel, ‘leão de Deus’ ou ‘homem poderoso de Deus’ é o que significa o seu nome. Era da tribo de Judá.

As informações que temos a seu respeito, embora escassas, dão-nos a idéia de ser ele uma personagem simpática.

Seu nome aparece no livro de Josué (15:17), tendo sido ele aquele que se destacou na tomada da cidade de Debir, o que lhe permitiu tornar-se genro de Calebe, de quem era também sobrinho. Um ilustre parentesco, face o conceito de Calebe junto ao povo de Israel.

Era um homem dotado de coragem, poder e capacidade de lutar: qualidades de um líder.

Otniel viu o início da apostasia dos filhos de Israel. Desviado do verdadeiro Deus, Israel foi entregue pelo Senhor nas mãos de Cusã-Risataim, rei da Mesopotâmia, e experimentou tempos de desânimo e derrota.

Dominados por oito anos, os filhos de Israel clamaram ao Senhor e foram atendidos. O Senhor levantou a Otniel como juiz libertador.

Foi o primeiro juiz de Israel. Sobre ele veio o Espírito do Senhor (Juízes3:10) e, por isso, é contado entre os que são chamados de juízes

carismáticos; aqueles que foram dotados pelo poder do Espírito Santo e devem à graça de Deus o excepcional êxito de seu desempenho.

Em cumprimento de sua missão, Otniel liderou uma campanha bem sucedida contra o rei da Mesopotâmia. Dedicou sua força e coragem ao decadente povo de Israel e livrou-os das mãos do inimigo.

Além de libertar o povo, ele restaurou a ordem e a autoridade em Israel, e o povo se voltou para o Senhor. Prova disso, é que “*a terra sossegou quarenta anos*”, lemos em Juízes 3:11.

Quarenta anos de paz, até que Otniel faleceu e, infelizmente, “*os filhos de Israel tornaram a fazer o que parecia mal aos olhos do Senhor*” (Juízes 3:12).

Diz a Bíblia que, por causa disso, “*o Senhor esforçou a Eglom, rei dos moabitas, contra Israel*” (Juízes 3:12). Tendo os amalequitas como aliados, os moabitas tomaram a ‘cidade das palmeiras’, que é Jericó, e Israel ficou sob servidão nas mãos do opressor Eglom. Desta vez, por dezoito anos.

Então, clamaram ao Senhor.

Como é misericordioso o nosso Deus! Ouvia o clamor de Israel e providenciou a sua libertação.

Desta feita, o juiz libertador foi **Eúde**, um benjamita, filho de Gera. Ele liderou a revolta de Israel contra a ocupação moabita em suas terras. Por intermédio dele, os filhos de Israel enviaram um presente a Eglom, rei moabita.

Conseguindo uma audiência particular com o rei, Eúde matou-o em seus aposentos. O fato de ser um homem canhoto favoreceu a que apanhasse o rei de surpresa que, se estivesse atento, provavelmente estaria a observar os movimentos de sua mão direita.

Vale ressaltar que muitos dos benjamitas eram canhotos, ou ambidestros, e hábeis em manejar fundas e atirar pedras, de acordo com Juízes 20:16 e I Crônicas 12:2.

Aproveitando-se da confusão que envolveu os moabitas, Eúde reuniu os filhos de Israel na montanhas de Efraim e os conduziu no ataque contra os inimigos, prevalecendo sobre eles.

Sem dúvida, uma atitude atrevida, repudiada por muitos. No entender de alguns comentaristas da Bíblia, ao agir assim Eúde considerava estar prestando um serviço a Deus, uma vez que fora levantado pelo Senhor para livrar Israel das mãos do opressor.

O valor de sua influência reside no fato de que, sob sua liderança, o povo se conservou fiel ao Senhor e teve mais oitenta anos de paz.

Depois dele, diz a Bíblia, *“foi Sangar, filho de Anate, que feriu a seiscentos homens dos filisteus com uma aguilhada de bois: e também ele libertou a Israel”* (Juízes 3:31). Sabemos ter tido ele uma atuação expressiva e com bons resultados através do cântico de Débora, onde é mencionado.

Ocorre que nem toda liderança é benéfica.

Houve um período em que Israel esteve debaixo do governo de Abimeleque, filho de Gideão com uma concubina, natural de Siquém. A família de sua mãe tinha grande influência naquela cidade.

Seu nome não é contado entre os juízes de Israel, uma vez que não apresenta as características do verdadeiro juiz, a começar pelo chamado de Deus que não recebeu.

Se juiz fosse, seria um juiz sem juízo.

Após a morte de Gideão, Israel voltou a pecar contra o Senhor. Encontrava-se sem liderança e sem aconselhadores.

Ambicionando o poder, Abimeleque convenceu aos familiares de sua mãe a apoiá-lo em se auto-nomear rei. Ajudado por eles, contratou *“uns homens ociosos e levianos”* (Juízes 9:4) e matou os seus setenta irmãos, filhos de Gideão. Apenas Jotão, o mais jovem, conseguiu escapar.

Abimeleque reinou em Israel por três anos, até que o seu trono, conquistado com o sangue de seus irmãos, começou a desmoronar porque o Senhor começou a agir (Juízes 9:23). Dissensões entre ele e seus súditos passaram a acontecer, resultando numa revolta liderada por Gaal. Esta foi superada, porém num outro confronto, uma pedra atirada por uma mulher atingiu o crânio de Abimeleque. A fim de resguardar a honra, em seu orgulho ordenou a um escudeiro seu que o matasse à espada para que ninguém dissesse: *“uma mulher o matou”* (Juízes 9:53-54).

Ambição, orgulho, violência e um trágico fim.

Uma liderança desastrosa na história de Israel porque, além de se auto-nomear, a pretensão de Abimeleque era o reinado, função recusada por seu pai. Quando Gideão livrou a Israel do poder dos midianitas, o povo intentou torná-lo governante, constituindo uma monarquia hereditária (Juízes 8:22). A resposta de Gideão foi categórica: *“Não dominarei sobre vós, tão pouco meu filho dominará sobre vós; o Senhor vos dominará”* (Juízes 8:23).

Gideão, homem de Deus, despojado de pretensões humanas, compreendeu bem que aos juízes não cabia o governo político nem o domínio sobre o povo, senão apenas que livrá-lo da opressão do inimigo e reconduzi-

lo aos caminhos do Senhor. “*O Senhor vos dominará*”.

Comparando a postura humilde e obediente de Gideão com a postura arrogante e rebelde de seu filho Abimeleque, somos levados a pensar no perfil do líder que seja um verdadeiro homem de Deus. Voltamos, então, o nosso pensamento a Moisés e Josué, homens bem sucedidos na missão de liderar o povo de Deus. Encontramos neles as seguintes características:

- Nenhum deles ambicionou o cargo que exerceu. Foram escolhidos pelo Senhor. Quando Paulo escreve a Timóteo, dizendo que quem almeja o episcopado excelente obra almeja, não está falando de ambição vaidosa por um cargo de posição, porém do desejo de servir ao Senhor, cuidando do seu rebanho.
- Quando Moisés pediu ao Senhor que providenciasse um sucessor para si, não se preocupou com alguém que fosse como ele, porém que tivesse as habilidades espirituais descritas em Números 27:17. Trazendo para os dias de hoje, o homem de Deus não pretende moldar o rebanho do Senhor à sua

semelhança. Sua preocupação é em cuidar da vida espiritual do rebanho e deixar na Igreja as marcas de Cristo, para a glória do Senhor.

- Dependência do Espírito Santo. Josué e muitos dos juízes de Israel eram pessoas que tinham o Espírito de Deus. Aqueles que confiam muito em si e almejam o sucesso pessoal estão destinados ao fracasso, tal como aconteceu com Abimeleque. O homem de Deus se submete ao Espírito santo e se preocupa em ser fiel ao Senhor.

O Senhor dominará sobre vós.

Louvamos ao Senhor pelos nossos pastores que, submetidos ao Espírito de Deus, nos têm conduzido nos caminhos do Senhor e o fazem “*Olhando para Cristo, grande autor da salvação*” e dizendo com alegria “*De Deus ministro, me revisto do poder do meu Senhor*” (João F. Soren, Hino 579 – Cantor Cristão).

Amém.